

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Internet e redes sociais tornaram-se uma vitrine que permite expressar ideias políticas ou sociais sem passar pelo filtro dos editores e redações da mídia tradicional.”

OMAR CERRILLO GARNICA

Ativismo digital no México

Thiago Sebastiano de Melo¹

Omar Cerrillo Garnica é professor e pesquisador no Instituto Tecnológico de Estudos Superiores de Monterrey. É doutor em Ciências Sociais e Políticas. Tem Pós-Doutorado em Movimentos Sociais e Ativismo Digital. Algumas de suas pesquisas atuais, como seu trabalho de pós-doutoramento, tem se ocupado de buscar elementos que permitam maior compreensão sobre a relação entre comunicação e movimentos sociais, com destaque para o uso das redes sociais e da internet de modo geral. O México, berço de figuras revolucionárias lendárias, como Emiliano Zapata e Pancho Villa, ainda hoje abriga alguns dos movimentos de contestação à ordem estabelecida de maior influência da atualidade, com merecido destaque para os Zapatistas. Omar soube assimilar os ensinamentos de Pancho Villa e do Subcomandante Marcos sobre a importância do componente midiático nas revoluções modernas. Entre outros, publicou um capítulo de livro fazendo uma análise comparada do uso da internet por movimentos sociais do México e do Brasil.

¹ Graduado em Turismo, Mestre em Geografia e Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Pesquisa e milita com os movimentos sociais, notadamente com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. E-mail: sebastianodemelo@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Os movimentos sociais estão mudando sua dinâmica no século XXI. Desde os anos noventa, somos testemunhas de novas formas de organização através da Internet que dão dinamismo e frescor aos movimentos. Repertórios de protesto se tornaram ricos através do uso dessas ferramentas tecnológicas divulgando as mensagens muito mais rápido e atendendo um grupo maior de pessoas. Também é verdade que para os movimentos é necessário manter uma forma tradicional de funcionamento para terem visibilidade na sociedade. Ainda é importante tomar as ruas, as lideranças devem ser visíveis e presentes, e ter uma lista de exigências claras para o resto da sociedade.

Um exemplo claro de um movimento que tem todos esses recursos (ir para fora, liderança visível, justas exigências, o uso da Internet) é, sem dúvida, o Movimento Zapatista em Chiapas, no México. Seu papel no desenvolvimento dos movimentos sociais na América Latina foi fundamental e inspirou muitos outros movimentos para executar ações com essa profundidade. Pode-se afirmar que, de acordo com as condições específicas do tempo, o EZLN [Exército Zapatista de Libertação Nacional] conhecia melhor o funcionamento de Internet que o governo mexicano.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

A imprensa tende a criminalizar os movimentos sociais no México. Demonstramos isso com uma pesquisa que fizemos em torno desta relação entre mídia e movimentos sociais. Nesta investigação, notamos como a imprensa insiste em apontar os movimentos como promotores de violência. Os casos estudados foram o movimento estudantil do Instituto Politécnico Nacional, em setembro de 2014. Neste artigo revisamos as informações tratadas pelos cinco principais jornais nacionais e contrastadas com as *hashtags* do *Twitter* mais visíveis associadas ao movimento. Percebemos que a imprensa tinha foco em personagens do governo relacionados com a negociação do movimento, enquanto o *Twitter* foi aberto a outros temas e outras partes interessadas.

O segundo caso analisado foi os chamados Dias Globais para Ayotzinapa, protestos sobre o desaparecimento de 43 estudantes da Escola de Professores de Ayotzinapa, Guerrero, México. Uma vez mais se apresentou uma situação de cobertura parcial; nas capas dos cinco jornais nacionais foram mostrados incidentes violentos, como a queima de um ônibus, acusando os manifestantes do evento; enquanto no *Twitter* muitos usuários denunciaram a presença de

elementos militares e policiais infiltrados nas marchas, quem podem ser os verdadeiros autores desses atos de violência.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

Como mencionei, o estereótipo do manifestante que se propaga pela mídia no México é aquele de uma pessoa violenta, ressentida da sociedade, e que dificulta a vida diária do cidadão que trabalha e contribui para o desenvolvimento nacional. Este foi o caso do movimento dos professores pertencentes à Coordenação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), que protestaram contra a reforma da lei que implementava um sistema de avaliação intransigente e opaco que arriscava sua segurança no emprego. Isso motivou os professores a tomarem as ruas constantemente, a ponto de tomar as avenidas perto do Aeroporto Internacional da Cidade do México. Quando estes protestos se elevaram a estes níveis, a televisão fez relatos constantes de motoristas presos nas ruas, que logicamente falaram dos desconfortos que provocavam os manifestantes.

Consequentemente, a percepção do cidadão comum sobre os manifestantes tornou-se negativa, sobretudo para os que não foram sensíveis aos problemas de outras pessoas, neste caso os motoristas citados; sem perceber que é essa mesma insensibilidade para com os problemas dos professores que estava sendo promovida através da televisão.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

No México existem relações muito claras entre o sistema político e a mídia, historicamente ligados ao Partido Revolucionário Institucional (PRI), o partido que deteve o poder por 70 anos ininterruptamente e controlou todos os aspectos políticos neste país, incluindo os meios de comunicação. *Televisa*, a empresa de mídia líder no México, nasceu na década de 1950, quando o sistema político do PRI viveu seus melhores momentos. Desde então, a *Televisa* sempre comunicou o que o PRI-governo precisava. Este feito foi muito claro quando Emilio Azcarraga Milmo, o segundo líder da empresa depois de seu pai Emilio Azcarraga Vidaurreta, abertamente declarou ser "um soldado do PRI".

Com a transição política que ocorreu no início deste século, a posição dos meios de comunicação não mudou. O tom de criminalização dos movimentos sociais e defesa das ações do governo em torno da legalidade e do Estado de Direito são ainda argumentos centrais nas agendas da mídia mexicana. Hoje, como mencionamos acima, o cidadão comum que tem acesso as redes sociais

digitais tem um contrapeso do poder de difusão de informação. Estes novos meios de comunicação dão equilíbrio nesta relação de poder e permitem que situações que anteriormente permaneceram anônimas agora sejam de conhecimento público.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Sempre houve uma diferença profunda no tratamento de informações sobre os movimentos sociais entre a imprensa nacional e internacional. Isso aconteceu desde os anos noventa com o movimento zapatista, que foram tratados pela *Televisa* e outros meios de comunicação nacionais como "transgressores da lei", frase comum para qualificá-los. Em vez disso, a grande capacidade do movimento para propagar suas comunicações fora do país permitiu que muitos meios de comunicação europeus dessem as outras versões dos fatos, como o profundo atraso social e as graves desigualdades para os indígenas no estado de Chiapas.

Em anos mais recentes, o movimento de Ayotzinapa sofreu uma situação semelhante quando a mídia nacional tentou minimizar a situação, relacionando o desaparecimento de estudantes com o tráfico de drogas. Para a imprensa internacional, sempre foi claro que este caso era um ataque político por diferenças ideológicas entre os estudantes e o sistema político mexicano.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Os movimentos podem forjar alianças com meios afins para a sua ideologia, como aconteceu no México com o movimento zapatista, que conseguiu estabelecer uma relação cordial com meios de comunicação como o jornal *La Jornada* e a revista semanal *Proceso*, ambos meios mostraram amplo apoio ao que aconteceu em Chiapas, como as negociações entre EZLN e governo, o congresso indígena e os comunicados feitos pelo subcomandante Marcos, líder moral do movimento.

Como vê, particularmente, o papel da internet nessa tarefa dos Movimentos Sociais de se conectarem diretamente com a sociedade?

Internet e redes sociais tornaram-se uma vitrine que permite expressar ideias políticas ou sociais sem passar pelo filtro dos editores e redações da mídia tradicional. O exemplo na mão no México é o movimento estudantil #YoSoy132, que leva o nome de uma hashtag no *Twitter* e que se

espalhou para apoiar estudantes de uma universidade privada que foram mencionados na mídia como infiltrados políticos em um ato que o então candidato Enrique Peña Nieto do PRI teve na Universidad Iberoamericana. Graças às redes sociais, os alunos foram capazes de expressar seu desacordo com essa descrição ao fazer upload de um vídeo para o *YouTube*, um ato que induziu a protestos no *Twitter* e acabou levando estudantes de todas as universidades do país às ruas para protestar contra a mídia associada com a *Televisa* e também contra o PRI.

Em seu país a internet tem sido utilizada pelos Movimentos Sociais para dialogar com a sociedade e para comunicação/organização interna? Quais os exemplos mais notáveis?

No México, houve muitos casos de mobilização social usando a Internet como parte de seu sistema de comunicação. Um dos casos mais visível é o já mencionado movimento estudantil #YoSoy132, mas também há alguns outros casos notáveis. Em particular, nos lembramos do caso de campanha de mídia social chamado #miprimeracoso (meu primeiro assédio), lançado por um grupo de feministas mexicanas para tornar públicas as muitas maneiras pelas quais as mulheres são assediadas no México e vistas por homens como objetos de desejo sexual sem dar-lhes nenhum valor como seres humanos. Esta campanha teve muito sucesso e permitiu que muitos homens visibilizassem a gravidade do assédio cotidiano às mulheres neste país.

Dados os elementos que se apresentam, quais os potenciais e os limites para a internet como ferramenta para a organização social?

Internet é um meio que ainda está em desenvolvimento e em constante mudança. Nos próximos dez anos vai chegar nos cenários que agora aparecem em filmes de ciência-ficção. Isto diz-nos que é um meio com enorme potencial e que pode tirar vantagem de maneiras inimagináveis. Ninguém teria imaginado no final dos anos noventa que poderiam ter ativistas políticos reais que fazem guerra contra os governos somente atrás de um computador. Tal é o caso de Julian Assange, fundador do Wikileaks. Certamente, nos anos vinte do século XXI, Assange será visto como um pioneiro de um movimento muito mais complexo que envolve novas formas de ataque, difusão e protesto. Neste sentido, é também onde as deficiências da Internet são presentes. Assim como potencializa a capacidade de protesto e ativismo político, é também um meio que nos torna vulneráveis porque nossas informações e localização estão sempre disponíveis e os governos podem encontrar a maneira de capturar esses novos dissidentes políticos.

A rádio comunitária é uma ferramenta utilizada pelos Movimentos Sociais em seu país? Como vê essa opção para comunicação e organização territorial?

Rádio é um meio intimamente associado com a mobilização e protesto no México. Como exemplo temos a *Radio Ñomndaa La Palabra del Agua*, estação de rádio localizada na região da Costa Chica do estado de Guerrero, que se declara como um "meio de comunicação indígena, comunitário, autônomo, independente do governo, partidos políticos e religiões". Seu papel na denúncia da crise em Guerrero associada à desapareição dos estudantes de Ayotzinapa foi muito importante nas comunidades indígenas de Guerrero. No entanto, é importante destacar que hoje as rádios comunitárias perderam alguma relevância pelo advento das mídias digitais, que são mais baratas e têm mais alcance do que antena de rádio, mas casos como *Ñomndaa* mostram que ainda persiste um papel relevante dentro das comunidades indígenas em especial.

Em que medida a imprensa tradicional contribuiu ou não para o avanço conservador observado na Nuestra América (tradicionalmente chamada de América Latina), notadamente a partir de 2015?

Mais do que um avanço conservador em *Nuestra América*, eu falo sobre a persistência do conservadorismo. Neste sentido, a imprensa tradicional é uma parte fundamental dessa ideologia conservadora que mantém muitos adeptos em nossa região. Assim como conversávamos sobre o PRI, é impensável que Pinochet continue a ter uma forte aceitação em certos setores da população chilena, situação que é claramente apoiada pelo papel que têm alguns meios de comunicação, como exemplo temos os jornais *El Mercurio* e *La Tercera*. Vale a pena notar o papel oposto ocupado por *TeleSur* na Venezuela, que procura manter a ideologia da revolução chavista e permite contrabalançar o foco da mídia internacional ao estilo CNN, no meio da crise venezuelana. Enquanto há coisas muito censuráveis no regime de Maduro, é muito claro que a imprensa internacional faz um julgamento sumário do chavismo e não dá voz aos líderes da revolução. Graças à *Telesur*, esta censura não é absoluta.

Considerações finais

É interessante esta reflexão sobre o papel da mídia na mobilização social e de protesto na América Latina. Eu acho que os movimentos que alcançaram melhores resultados é porque assumem a gestão da sua comunicação e enfrentaram a censura e criminalização tão comum por parte da imprensa. Casos como o EZLN e o MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Brasil] são muito bons exemplos de como os movimentos sociais podem crescer se a sua comunicação é bem gerida. Neste sentido, as contribuições da Internet são de valor inestimável, porque é um meio mais horizontal que permite que as mensagens dos cidadãos comuns possam ser ouvidas, o que seria muito difícil de acontecer no velho sistema de mídia baseado na TV, rádio e imprensa. No entanto, Internet tem seus riscos, é importante que os movimentos estejam cientes deles e entendam que até um *tweet* ou um post no *Facebook* pode torná-los vulneráveis. Todavia, apesar

desses riscos, é necessário utilizar estes meios digitais para aprofundar a divulgação de movimentos sociais e ter novas conquistas entre os jovens. Além disso, a digitalização terá impactos sobre todas as áreas da sociedade, de modo que os movimentos não devem ignorar esta tendência.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

